

## TRANS-FORMANDO INQUIET(AÇÕES) SOBRE DOCÊNCIA. AUTOFORMAÇÃO E MEDI(T)AÇÃO AO TRANSITAR/TRANSBORDAR ENTRE ESPAÇOS.

LUZILANE ALVES BEZERRA<sup>1</sup>; CLÁUDIA MARIZA MATTOS BRANDÃO<sup>2</sup>.

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – lanealvesgl@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – clauummattos@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

As inquietações que me trazem a este trabalho começaram em 2016, quando ainda cursava Ciências Sociais - Licenciatura e me deparei com o conceito de mediador de Bruno Latour (2012, p. 65): “Os mediadores transformam, traduzem, distorcem e modificam o significado ou os elementos que supostamente veiculam”. Em 2017, quando cursando a disciplina de Teorias e Práticas Pedagógicas tive a oportunidade de com-viver aquele espaço com alunos de diversas áreas, dentre elas das Artes Visuais, sendo convidada a conhecer o projeto de extensão “Patafísica: mediadores do imaginário” por uma das colegas, Luana Silvino Reis, mediadora Patafísica, a qual apresentou-me a proposta de mediação artística desenvolvida pelo grupo. Em 2018, saí do curso de Ciências Sociais, embora sinta que as ciências sociais não tenham saído de mim, e ingressei nas Artes Visuais – Licenciatura, tendo um contato mais próximo com o Patafísica e com a disciplina de “Mediação Artística: Experiências Poeticoeducativas”, ministrada pela Professora Carolina Rochefort, também coordenadora do projeto/grupo Patafísica.

A investigação, ora apresentada, se baseia nos resultados de atividade de ensino proposta pela professora Cláudia Brandão, em maio de 2018, na disciplina de Fundamentos do Ensino das Artes Visuais I, integrante do currículo do primeiro semestre do curso de Artes Visuais – Licenciatura, experiência que também despertou questionamentos acerca da mediação. Nessa atividade foram propostas visitas ao Museu do Doce, à galeria A Sala (Centro de Artes, UFPel), ambas com mediação Patafísica, e à Casa do Senador, onde ocorriam as exposições da “Mostra Universitária de Artes Arte Sul Coexistir”, sendo solicitado que cada aluno escolhesse três obras, uma de cada lugar, e comentasse sobre as experiências pela proporcionadas atividade.

Docência/mediação/espaço/tempo/corpo/arte/sociedade/autoformação/experiência: são palavras que escoam entre mim e meu entorno, e é sobre/sob elas que este trabalho é/está “percursando”. O objetivo é refletir e produzir questionamentos sobre experiências, enquanto docente em formação, para além da formalidade institucional escolar/acadêmica, analisando minhas vivências e relatos da experiência arrolados nos trabalhos, através dos quais percebi o impacto proporcionado pela atividade proposta na disciplina de Fundamentos do Ensino da Arte I.

### 2. METODOLOGIA

Foram lidos e analisados os 33 trabalhos resultantes da atividade proposta, inclusive, o meu. Os relatos foram utilizados como contributos para a reflexão sobre como as experiências vividas, durante a atividade, impactaram os discentes. Também foram feitas (re)leituras e (re)lembranças sobre mediação, autoformação, corpo, espaço/tempo, experiência, arte, sociologia e educação. Utilizei a minha experiência acadêmica, a partir de minhas participações em mediações feitas pelo Patafísica durante a Mostra Universitária de Artes Arte Sul

Coexistir, no Museu do Doce, com a participação de um grupo do CAPS Porto, da Prefeitura Municipal de Pelotas; e na galeria A Sala, durante a Semana Acadêmica das Artes Visuais “Chama! A Palavra Chama as Coisas” que aconteceu neste ano. Saliento, ainda, a mediação que participei feita por Luana Silvino Reis durante a disciplina de Teorias e Práticas Pedagógicas em 2017; as experiências e estudos feitos tanto na disciplina de Fundamentos do Ensino da Arte I, bem como nas pouquíssimas aulas que “invadi” da disciplina Mediação Artística: Experiências Poéticoeducativas; além de outras vivências dentro e fora do ambiente universitário. A reflexão feita se sustenta na “Teoria Ator-Rede” do teórico Latour, e na relação entre experiências e formação (JOSSO, 2002).

Em linhas gerais, a Teoria Ator-Rede defende a ideia de que, se os seres humanos estabelecem uma rede social, não é porque eles interagem apenas com outros seres humanos, mas é porque interagem com outros materiais também. A composição do que chamamos de social não se deve simplesmente a pessoas, mas igualmente a máquinas, animais, textos, dinheiro, arquiteturas, laboratórios, instituições (MELO,2011, p.178).

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A atividade proposta pela Professora Cláudia Brandão fez emergir as inquietações às quais me referi no início do texto. Dentre os 33 trabalhos analisados, quatro (12%) relataram a importância da atividade de visitação, entretanto, esclareço que esses relatos não abordam mediações do Patafísica, visto que tais atividades se relacionam com a atividade proposta pela Professora em questão. Embora isso, os mesmos foram utilizados para uma comparação com as minhas experiências também sem a mediação, com o objetivo de colaborar com a reflexão feita. Ao (re)visitar a Sala com o intuito de fazer a atividade proposta, lembrei-me da mediação do Patafísica naquele espaço durante a Semana Acadêmica. Havia visitado aquele local algumas vezes, não somente para observar a exposição, mas também, para descansar entre os intervalos de aula. Na mediação proposta pelo Patafísica, me senti como em mais um dia coabitando a galeria. Em alguns momentos ocorreu-me a definição de intermediário e mediador de Latour, que me remete ao papel docente. Para ele (2002, p. 65-66) um intermediário transporta significado ou força sem que aconteça transformação. Os mediadores transformam, traduzem, distorcem e modificam os significados e/ou informações que transportam. Deve-se levar em conta suas características específicas todas as vezes. Sobre o método de mediação artística proposta pelo Patafísica, Clasen e Rochefort declaram:

O Patafísica desenvolve uma “mediação artística”. Uma mediação propositiva, que tem como objetivo, mais que propor e/ou informar os aspectos poético-criativos da obra, mas o movimento do pensamento. Talvez, por isso a mediação artística proposta pelo grupo aconteça no encontro dos corpos, uma vez que habita a experiência. O registro da produção desses encontros acontece de forma material e/ou imaterial, e procura produzir processos de subjetivação, como o pensamento criativo/crítico, proposto pela arte. Assim as mediações artísticas encontram na experiência do encontro o que move o ato de mediar. São pensadas como intercessoras, porque procuram abrir fendas no olhar do visitante e em nosso olhar, colocando em crise o que está posto, o que percebemos, pensando maneiras de produzir, de inventar a arte a partir das relações. Criar lugares. Inventar agenciamentos (CLASEN; ROCHEFORT, 2016, p. 214).

Tomo aqui a noção de corpo como mediador (Latour, 2002) considerando tanto os corpos humanos quanto os não humanos, capazes de trocas e de produzir fenômenos da realidade (Melo, 2001, p. 185). Josso (2002, p. 73) diz que “a transformação de uma vivência em experiência começa quando prestamos atenção no que se passa em nós e/ou na situação na qual estamos implicados, pela nossa simples presença”. Foi a partir destes pontos, quando participei da mediação realizada pela acadêmica Luana Reis anteriormente referida, que passei a meditar sobre a importância da mediação enquanto experiência importante para os processos de autoformação docente. Considerando os trabalhos analisados foram encontrados os seguintes relatos: para a acadêmica Isadora Rangel, que até então só conhecia A Sala (UFPel), “conhecer esses ambientes e frequentá-los enriquece a vida acadêmica, profissional e pessoal dos alunos e é algo a ser estimulado”. Já a acadêmica Rosana Louzada afirma sobre a experiência vivida: “Pela primeira vez pude refletir a minha vida e sociedade através das obras de arte em uma exposição”. A partir disso pude constatar que uma motivação endógena é mais eficiente que uma motivação exógena em relação ao processo de aprendizagem, quando vinculado ao processo de formação que Josso comenta (2001, p.81), colocando, assim, o sujeito aprendente como corresponsável da sua formação.

Após a atividade de Fundamentos do Ensino da Arte I, aconteceu uma mediação Patafísica no Museu do Doce com um grupo do CAPS. Naquele momento era importante viver aquela experiência depois de ter estado sozinha no porão onde acontecia a exposição. Devo dizer que, naquele instante, era outra exposição, pois o contexto fazia com que eu percebesse as obras e o lugar de forma distinta da primeira percepção. Algumas pessoas que participaram da mediação disseram nunca ter estado em um porão, algumas pessoas se sentiram desconfortáveis, outras não. Ainda outras nem ao menos estiveram em um museu ou no Museu do Doce. A discente Mariana Leal da Silva disse no relato escrito no trabalho de Fundamentos do Ensino da Arte I:

Apesar de eu não ter me prolongado muito na visitação ao Museu do Doce por causa do seu ambiente inquietante (se referindo ao porão), o aprendizado que tive com essas visitas foi muito importante e único também, visto que é apenas uma de uma ampla variedade de exposições que ainda não tive a oportunidade de visitar.

Já Roberta Goia relata: “Todo esse sentimento de medo, tensão e o despertar da curiosidade não teria sido tão intenso se não tivesse sido de surpresa, eu não esperava ir ao porão de um casarão antigo de Pelotas. Causou-me um olhar diferente do mundo ao sair de lá”. De acordo com MELO (2001. p. 181,182) tanto o sujeito quanto o mundo modificam-se e afetam-se após a aprendizagem.

#### 4. CONCLUSÕES

Concluo reconhecendo que tenho mais dúvidas e mais inquietações. Se devo concluir algo é que esse trabalho está e estará em processo enquanto eu cursar Artes Visuais – Licenciatura, praticando de algum modo a docência, aprendendo e convivendo com outros discentes e docentes, acadêmicos ou não. Enquanto tiver oportunidade de ser mediada, mais algumas vezes, pelo Patafísica, enquanto eu estiver viva e experienciando a vida.

Estas palavras valem como um aviso. Não para negar o papel do educador (ou do formador), mas para criticar a arrogância de quem tem “tudo para ensinar” e “nada para aprender”. Elas recordam-nos que *ninguém forma ninguém* e que pertence a cada um transformar em formação os conhecimentos que adquire ou as relações que estabelece; recordam-nos a necessidade da prudência, que nos convida à modéstia, mas também a uma exigência cada vez maior na concepção e organização dos dispositivos de formação (NÓVOA apud JOSSO, 2002, p. 15).

Este trabalho além de pretender refletir sobre a importância das experiências para a autoformação docente, leva em consideração a corresponsabilidade no processo de aprendizagem, salientando o papel da mediação nessa formação.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CLASEN, Carolina; ROCHEFORT, Carolina. **A mediação artística compõem Khôra: Espaços estriados da arte e da urbanidade.** In: ANPAP, Porto Alegre, 2016.

JOSSO, M-Christine. **Experiências de vida e formação.** Prefácio de António Nôvoa, tradução de José Cláudio e Júlia Ferreira. Lisboa: Editora Educa-Formação/Universidade de Lisboa, 2002.

LATOUR, Bruno. **Reaggregando o Social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede.**

Salvador: Edufba, 2012.

MELO, M. F. A. Q. **Discutindo a aprendizagem sob a perspectiva da teoria ator-rede.** Educar em Revista, Editora UFPR, Curitiba, Brasil, n. 39, p. 177-190, jan./abr. 2011.